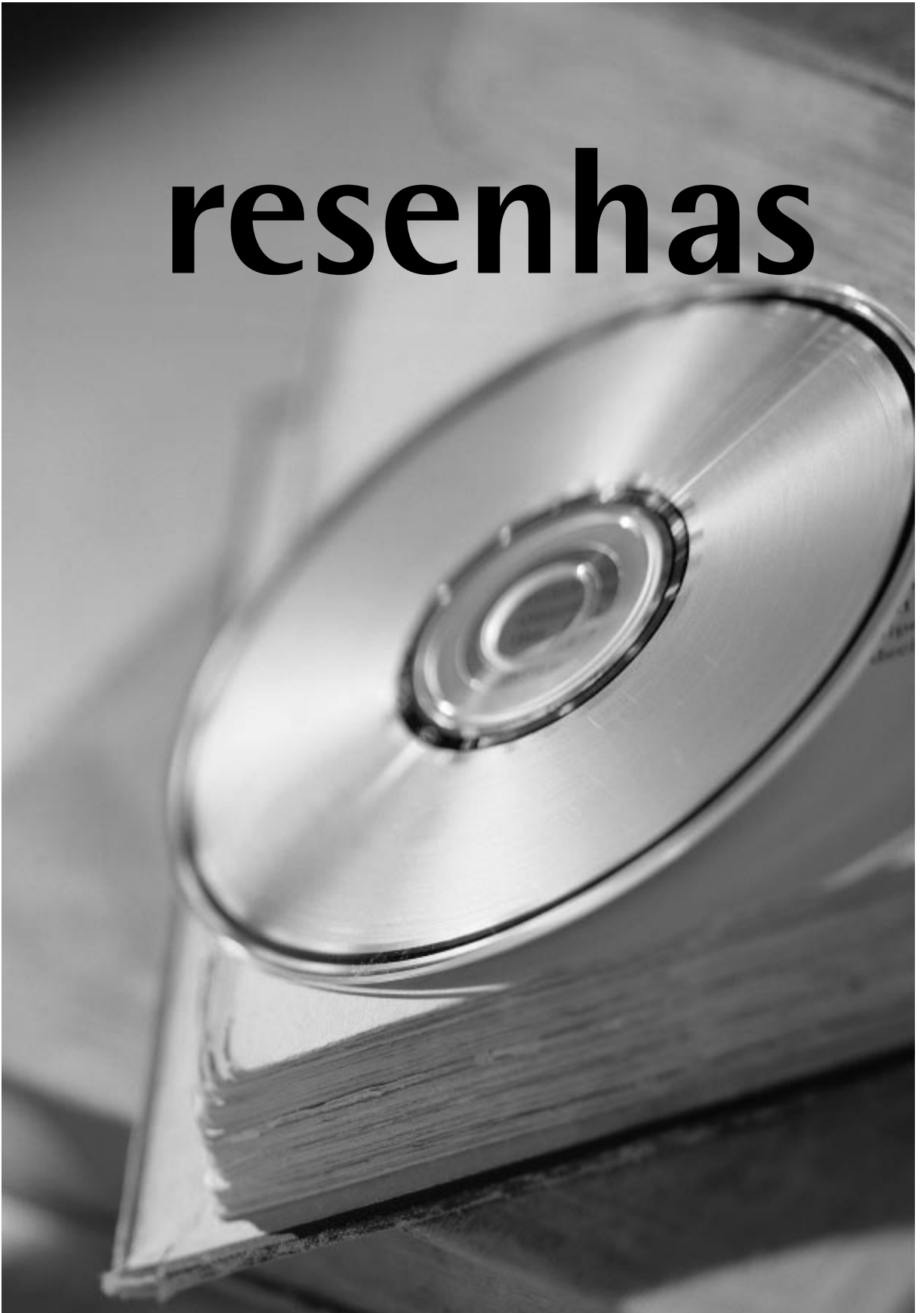


# resenhas





# Frutos do paraíso

---

DAISY WAJNBERG

**Éden: um tríptico bíblico**, de Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2004. 179 p.

**Resumo** O livro do poeta, tradutor e ensaísta Haroldo de Campos, *Éden: um tríptico bíblico*, publicado postumamente, aborda e transcria as passagens bíblicas da expulsão do Paraíso, a da torre de Babel e o *Cântico dos Cânticos* em sua íntegra.

**Palavras-chave** Bíblia, literatura, tradução, poética, transcrição

**Abstract** *Éden: um tríptico bíblico* is the last book by Haroldo de Campos, Brazilian poet and translator, published after his death. The author focuses on and trans-creates the biblical episodes of the expulsion from Paradise, of the Tower of Babel and the *Song of Songs*.

**Key words** Bible, literature, translation, poetics, transcreation

O último livro do poeta, tradutor e ensaísta Haroldo de Campos, publicado após sua morte, traz no título uma idéia que resulta tanto mais reveladora ao percebermos seu alcance, a de tríptico. Na verdade, esse é o seu terceiro livro sobre a literatura bíblica com as respectivas transcrições – o primeiro foi *Oohélet, O-que-Sabe* (Eclesiastes) e depois *Bere'shit: A Cena da Origem*, ambos publicados durante os anos 1990, pela mesma editora Perspectiva. Em conjunto, portanto, as três obras apontam o pioneirismo do autor no Brasil, ao dedicar-se à literatura da Bíblia.

"*Sob a égide deste vocábulo plurissignificante, armei este 'Tríptico Bíblico', composto de três tábuas interconexas*", declara logo o autor. Os fios bíblicos tramam-se, assim, no gesto poético de Haroldo de Campos, com a montagem

dessas tábuas inter-relacionadas. A primeira é *A Astúcia da Serpente*, que trata da "segunda história da criação, culminando na expulsão do Éden (Paraíso) do casal primordial". Segue-se *Babel*, a respeito do "esforço humano, demasiadamente humano para recuperar, por meios próprios, ao arrepio do interdito divino, o Éden perdido". A última, sobre o *Cântico dos Cânticos*, "poema de amor semítico, onde o amor é tão forte quanto a morte, facultando ao homem-húmus superar sua terresteidade mortal [...] O Éden recuperado".

A organização de *Éden* inclui a apresentação da passagem bíblica, a transcrição e o original em hebraico. Não se trata propriamente de uma apresentação didática. Num piscar de olhos, Haroldo passa de Walter Benjamin a Jacques Derrida, menciona críticos literários, como o precursor Erich Auerbach e o tardiamente publicado no Brasil Northrop Frye (2004) ao mesmo tempo em que opõe diversos projetos de tradução da Bíblia, como o de Henri Meschonnic e André Chouraqui, ambos para o francês –, tudo com a vivacidade que lhe era peculiar. Talvez algumas dessas questões pudessem ficar mais claras com a leitura de seus outros livros sobre literatura bíblica, em que pequenos ensaios também focam e iluminam os textos traduzidos.

O início do livro *A Astúcia da Serpente* circunscreve a aventura humana no Paraíso em termos da crítica bíblica histórica, citando prováveis fontes documentais e datações. Haroldo volta-se logo para o terreno da literatura. É nessa vertente mais recente nos estudos bíblicos – da qual surgiram, a partir dos anos 1980, autores como os americanos Robert Alter e Harold Bloom, os israelenses Meir Sternberg e Shimon Bar-Efrat, entre outros – que se insere Haroldo de Campos. Pois na Bíblia, diz ele, cumpre reconhecer "a extraordinária obra de arte verbal, [...] a ser resgatada da leitura meramente confessional".

Essa arte literária é retomada aqui por meio de um debate. Em 1990, o crítico Harold Bloom publicou nos Estados Unidos *O Livro de J*, no qual propunha uma audaciosa tese. A chamada porção javista da Bíblia Hebraica seria de autoria de uma mulher – quiçá uma dama letrada da corte salomônica –, cuja excelência literária ainda se distingue, embora os trechos tenham passado por sucessivas revisões. À época, o hebraísta Robert Alter rebateu algumas conclusões de Bloom, alegando que seu parco conhecimento de hebraico o teria levado a trabalhar sobre uma tradução de outro autor, David Rosenberg. O problema era que essa tradução apresentava jogos expressivos que pouco correspondiam ao original – de resto, o próprio Haroldo de Campos também confirma alguns desses deslizos – e, desse modo, Bloom chegara a resultados questionáveis.

Na verdade, não só a porção javista da Bíblia seria poeticamente pontuada por "efeitos relevantes de som e sentido". Os jogos sonoros marcam a escritura bíblica

de modo que até se pode pensar em uma "teologia da paranomásia" (Gammie 1979: 128). Tome-se como exemplo o nome dos personagens. Adão é *Adam*, cuja sonoridade envolve a palavra *adamá*, "terra", de onde provém o homem original. Esse fio foi restituído em Gn. 2: 7 com a associação homem/húmus: "*E afigurou O-Nome-Deus o homem/ pó da terra-húmus*". Eva, por sua vez, é *Havá*, que evoca *hayá*, "viver". Daí a solução encontrada para Gn. 3: 20: "*E chamou o homem o nome de sua mulher/ Vida-Eva/ Pois ela era a mãe de todos os viventes*". Em suma, o som empresta voz ao destino dos personagens, projetando a sua vocação.

Enfrentar a tradução da Bíblia implica ater-se à sonoridade poética do hebraico, na medida em que essa "história sagrada" também o é pela via dos jogos de linguagem. O campo bíblico exige, de certa maneira, a busca das informações contidas na própria forma. Haroldo de Campos estava especialmente atento a elementos dessa ordem, ou seja, à função poética que marca a literatura bíblica em geral. Assim, sua proposta de transcrição caminha no sentido de resolver os "*efeitos de arquitetura fônica e semântica com os recursos do português*".

Nesse desafio, Haroldo traça minuciosamente os percursos significantes. Talvez possamos alcançar a envergadura de seu projeto, logo na abertura do livro, no primeiro versículo transcrito em Gn. 2: 5:

E nenhum arbusto do campo  
ainda não era sobre a terra  
e nenhuma erva do campo  
ainda não brotara  
Pois não fizera chover  
O Nome-Deus sobre a terra  
e homem nenhum  
para cultivar a terra-húmus

Com apuro, marcam-se as diferenças das palavras *aretz* – traduzida aqui como "terra" – e *adamá* – resgatada por "terra-húmus". Ademais, ouvimos em Português as assonâncias em *era/ara/er/ar* e também uma espécie de zumbido primordial, belíssimo efeito poético nos *em/um/umus*. Como não admirar a profundidade desse momento solene, em que tudo ainda está por acontecer, apenas vibrando? O universo como que se anuncia aberto nos "ar", e ao mesmo tempo, acompanhado de um baixo contínuo, nos graves "um". O que ocorre no original, porém, é menos radical do que essa transcrição. Podemos mesmo falar aqui de uma hipérbole em relação ao hebraico. Assim, o autor parece conferir ao texto sagrado uma redobrada sacralização, agora pela via poética.

Na segunda parte do tríptico, *Babel & Desbabel*, o estudo se enriquece com a transliteração – ou seja, o texto hebraico grafado em letras latinas. O leitor brasileiro terá, assim, a chance de “escutar” a sonoridade do original. Também se apresentam várias traduções para a mesma passagem: a da *Vulgata* latina, finalizada por Jerônimo em 405 d.C.; as duas traduções clássicas para o Português, a do século 17 por João Ferreira de Almeida, a partir do hebraico (que Haroldo considerava a melhor para o português), e a do século 18, por Antonio Pereira de Figueiredo, com base na *Vulgata*; por fim, a versão do Rabino Motel Zajac para a Bíblia, com o comentário medieval de Rashi de Troyes. Desse modo, no próprio livro o leitor poderá cotejar as diferentes soluções.

Nove versículos bastaram para que os escritores bíblicos contassem a história de Babel, onde só uma única língua existia. Os filhos do homem decidem construir uma cidade, cuja torre alcançaria as alturas dos céus. Deus antevê a arrogância desse projeto e então embaralha a língua dos homens, dispersando-os sobre a face da terra.

Sugestiva, a narrativa dá margem para reflexões em torno da teoria da linguagem, como as citadas pelo autor, de Walter Benjamin e Jacques Derrida. O que seria então “desbabelizar Babel” senão o horizonte para o qual mira o transcriador – tornar uno o que está feito em ruína? Haroldo, o estudioso de tantas línguas – e que muitas outras ainda queria aprender –, via em Babel a grande metáfora do processo tradutório. Desbabel representaria, portanto, o esforço de construção infinita da língua. Nesse sentido, é bem apropriada a inserção do esboço para uma Babel em espanhol, que chamou de *re-transcreación*.

O melhor dos frutos de *Éden* ficou reservado para o final, o *Cântico dos Cânticos* – “poema de amor semítico, um conjunto de cantos eróticos [...], sobre cuja superfície textual, tradicionalmente, enredam-se, sutis, as exegeses alegóricas”. Não foi fácil a aceitação desse livro profano no cânone judaico da Bíblia. Em meio a vários debates, destaca-se o reputado Rabi Akiva, que, no século 2 d.C. defendia a sacralidade do texto com unhas e dentes: “o mundo inteiro não vale o dia no qual o Cântico dos Cânticos foi dado a Israel, porque todas as Escrituras são santas, mas o Cântico dos Cânticos é santíssimo”.

Haroldo de Campos publicara a transcrição do seu primeiro “canto” em 1994 e agora temos a tarefa completa, com suas oito partes. Trata-se, sem dúvida, de um precioso trabalho. Diversas traduções do *Cântico* são comentadas na introdução, inclusive aquelas para o Português, cujo tratamento edulcorado não corresponderia ao texto original em seu “agreste lirismo”.

Preparemo-nos para o copioso banquete das imagens. “Arrasta-me/atrás de ti corramos/O rei me conduziu a seus recintos/jubilemos rejubilemos em ti/celebra-

remos o teu amor melhor que o vinho/ como andam certas/ aquelas que te amam" (Ct. 1: 4), anuncia o primeiro canto. Toda a natureza se agita sob o impulso do amor, convocada a figurá-lo. Assim os amantes se descrevem sem descanso: "*Semelha meu amado o cervo/ ou a cria da cabra montanhesa/ É ele que está presente por trás de nossas paredes/ dele o olho que vela pelas janelas/ dele o olho que brilha pelas treliças*" (Ct. 2: 9). Que flui no paralelo da voz masculina: "*Minha pomba nos nichos do penedo/ nas frinchas do rochedo/ dá-me que eu veja teu rosto/ dá-me que eu ouça tua voz/ Tua voz quase mel uma graça teu rosto*" (Ct. 2: 14).

As metáforas se sucedem, ora exuberantes – "*Mel escorrendo de teus lábios esposa/ Mel e leite debaixo de tua língua/ e o odor de teu corpo como o odor do Líbano*" (Ct. 4: 11) – ora contrastadas em profunda quietude – "*Jardim fechado minha irmã-esposa/ Laguna reclusa fonte selada*" (Ct. 4: 12).

Se o amor exige presença, o desejo se faz de esconderijo. É preciso encobrimento para que se desperte nova onda de anseios, para que a mão tente prender. O desencontro, portanto, é tema maior no *Cântico*. Significativamente, só a personagem feminina ronda à procura do amante: "*Conta-me/ bem-amado de minh'alma/ onde vai teu pastoreio?/ onde te escondes para a sesta ao meio dia? Para que eu não seja a mulher de véu/ Ao léu atrás das ovelhas de teus parceiros*" (Ct. 1: 3). A cada partida do amado, ela vaga pela cidade, conjurando suas amigas, implorando aos vigias que a ajudem a achá-lo.

Talvez a mulher e o poeta se pareçam em seus desejos. Ambos partilham da incompletude intrínseca que os atira à deriva, na busca infinita do objeto que os serenasse. O *Cântico* revela-se, assim, como ponto de convergência, no qual todas as faces da paixão se voltam para a mesma linguagem. Precisa, então, foi a obra do acaso – de que aqui se encerrasse o Éden de Haroldo de Campos. No amor justamente – no que há de mais sagrado na língua, cujo Paraíso poético se re-cria a cada instante. A herança está posta. Que o amor possa derramar-se como uma bênção, fazendo-nos fruir desse Éden.

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA Sagrada (1937). Londres: Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. (Tradução do Hebraico por João Ferreira de Almeida).
- BÍBLIA com comentários de Rashi (1993). Tradução de Rabino Motel Zajac. São Paulo: I. U. Trejger.
- BLOOM, Harold (1992). *O livro de J*. Tradução de Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Imago.
- BUSS, Martin (Ed.) (1979). *Encounter with the text: form and history in the Hebrew Bible*. Philadelphia: Fortress Press.
- CAMPOS, Haroldo de (1990). *Qohélet, O-que-Sabe* (Eclesiastes). São Paulo: Perspectiva.

- CAMPOS, Haroldo de (1993). *Bere'shit: a cena da origem*. São Paulo: Perspectiva.
- FRYE, Northrop (2004). *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução e notas de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo.
- GAMMIE, John G. (1979). Theological interpretation by way of literary and tradition analysis: Genesis 25-36. In: BUSS, Martin (Ed.). *Encounter with the text: form and history in the Hebrew Bible*. Philadelphia: Fortress Press.
- NO PRINCÍPIO: Gênesis (1995). Rio de Janeiro: Imago. (Tradução para o francês e notas de André Chouraqui).

DAISY WAJNBERG é psicanalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e doutora em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da USP. Publicou *Jardim de Arabescos: uma leitura das Mil e Uma Noites* (Fapesp/Imago, 1997) e *O Gosto da Glosa: Esaú e Jacó na tradição judaica* (Humanitas, 2004).

[dwajnberg@uol.com.br](mailto:dwajnberg@uol.com.br)

*Resenha recebida em 31 de agosto  
e aprovada em 19 setembro de 2005.*